

EROS NO SÉCULO XXI: ÉDIPO OU NARCISO?

*Bianca Maria Sanches Faveret**
*André Luís da Silva Mendonça***
*Evelyne Rosa Coelho****
*Rosemere Rocha Faustino*****

RESUMO

O presente artigo parte das dificuldades que a clínica psicanalítica tem enfrentado na condução do tratamento de diversos tipos de perturbações psíquicas expressivas da atualidade. Objetivando um maior esclareci-

-
- * Psicanalista; Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio; Mestre em Filosofia pela PUC-Rio; Professora Adjunta do Depto. de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora; Coordenadora e Professora do Curso de Pós-Graduação/Especialização em Psicanálise: Subjetividade e Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora; Vice-coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora; Coordenadora do Projeto de Pesquisa “Psicanálise e ‘novos’ sintomas: indagações para uma orientação no campo da clínica contemporânea”, UFJF/FAPEMIG.
- ** Graduando do curso de Psicologia da UFJF; bolsista B.I.C. do Projeto “Psicanálise e ‘novos’ sintomas: indagações para uma orientação no campo da clínica contemporânea”, UFJF/FAPEMIG.
- *** Graduanda do curso de Psicologia da UFJF; bolsista FAPEMIG do Projeto “Psicanálise e ‘novos’ sintomas: indagações para uma orientação no campo da clínica contemporânea”, UFJF/FAPEMIG.
- **** Graduanda do curso de Psicologia da UFJF; bolsista P.R.O.B.I.C.-FAPEMIG do Projeto “Psicanálise e ‘novos’ sintomas: indagações para uma orientação no campo da clínica contemporânea”, UFJF/FAPEMIG.

mento sobre tais dificuldades, começamos por uma reflexão sobre as mudanças que estão ocorrendo na vida cultural mediante o exame de uma literatura recente. Em seguida, buscamos extrair, desta mesma literatura, indicações a respeito tanto das peculiaridades do homem contemporâneo quanto de suas formas específicas de sofrimento. O sujeito contemporâneo aparece com a figura de Narciso. Face a este sujeito, mostramos, então, que a noção de narcisismo negativo é relevante para a compreensão acerca de seus modos específicos de adoecimento, característicos da época atual.

Palavras-chaves: psicanálise; subjetividade; cultura; contemporaneidade; narcisismo.

ABSTRACT

EROS IN THE 21ST CENTURY: OEDIPUS OR NARCISSUS?

This article stems from difficulties that the psychoanalytic clinic has faced in the treatment conduction of diverse types of expressive psychic disturbances of the present time. Objectifying a bigger clarification of such difficulties we start with a reflection about the changes that are occurring in the cultural life through the examination of recent literature in this area. After that we try to extract from this same literature indications on the peculiarities of the contemporary man and about his specific forms of suffering. The contemporary subject appears with the figure of Narcissus. Faced with this subject we show that the notion of negative narcissism is important for understanding its specific illnesses, characteristic of the current times.

Keywords: psychoanalysis; subjectivity; culture; contemporary world; narcissism.

A clínica psicanalítica tem se deparado com um aumento expressivo das diversas formas de depressão, dos estados de angústia como a chamada “síndrome do pânico”, das compulsões de todos os tipos, das toxicomanias, anorexias, bulimias, do esvaziamento da interioridade, da devastação do pensamento reflexivo, etc. Tem-se enfrentado dificuldades na direção do tratamento destas formas de sofrimento psíquico atuais, denominadas, segundo os autores, como “as novas doenças da alma” (Kristeva, 2002), os “estados-limite”

(Green, 1988a), “casos raros, inclassificáveis da clínica psicanalítica” (Henry, 1998), que não se deixam conduzir pelas orientações clínicas tradicionais. Será que estamos lidando com uma “nova economia psíquica” (Melman, 2003), “novos sintomas”? Ou trata-se das mesmas vicissitudes da alma, já apontadas por Freud durante a modernidade, que apenas estariam se exprimindo de uma forma que ainda não entendemos?

Acreditando que as injunções da vida coletiva têm efeitos nas configurações da subjetividade, que há profunda articulação entre o individual e o social – tese aliás defendida por Freud ([1921] 1980) em “Psicologia de grupo e análise do ego” –, nos propomos, neste artigo, a examinar algumas reflexões que estão sendo elaboradas sobre as mutações sócio/culturais da atualidade com o objetivo de levantar alguns aspectos do funcionamento psíquico do sujeito contemporâneo.

O trabalho, no capitalismo “flexível” atual, está sendo regido pelo “curto prazo” nas organizações em redes flexíveis, obrigando-nos a sermos ágeis, abertos às mudanças, capazes de correr riscos e pouco dependentes de leis e procedimentos formais. Mas isto também corrói a confiança, a lealdade, o compromisso mútuo – e afrouxa os laços sociais (Sennett, 1999).

Vivemos a hora da desregulamentação: o princípio de realidade, hoje, tem de se defender no tribunal de justiça onde o princípio de prazer é o juiz que preside a desregulamentação. A liberdade individual reina soberana, vive-se num estado de permanente atenção para afastar qualquer interferência coletiva no destino individual, para desregulamentar e privatizar (Bauman, 1998).

Exilamos a burocracia, banimos a rotina, que é vista como degradante, alienante, não criativa, mas que também poderia nos proteger e dar forma à nossa existência. Enfrenta-se atualmente uma enorme dificuldade para desenvolver uma narrativa de identidade e história numa sociedade composta por episódios e fragmentos (Sennett, 1999).

Perdemos o sentido do tempo histórico, vivemos o tempo de modo descontínuo, retalhado, acelerado, numa desvalorização do

passado sem precedentes (Kristeva, 2002; Lasch, 1983; Lipovetsky, 2005a; Roudinesco, 2006). Esta vivência do tempo cria um conflito entre o caráter e a experiência, pois nos impede de transformar nossas características em narrativas sustentadas (Sennett, 1999). Uma temporalidade puramente operatória substituiu a temporalidade histórica: na sucessão “passado, presente e futuro”, em lugar de um futuro esperado ou sofrido, lidamos agora com um futuro produzido. Atualmente os doentes não agüentam mais o tempo da cicatrização de uma ferida, ou da dor que acompanha a angina (ou o parto), tem-se que curá-los imediatamente. Ninguém mais pensa no tempo como um escultor... (Lebrun, 2004).

No sistema atual, a ordem é correr riscos, uma necessidade diária enfrentada pelas pessoas – em contínuo estado de vulnerabilidade –, dado que abrir mão do passado, dos traços de caráter e habitar a desordem significa viver no limite. O risco passou a ser um teste de caráter, o que é mais deprimente do que promissor (Sennett, 1999). E, num tal contexto, é impossível aceitar o fracasso (Lasch, 1983; Lebrun, 2004), pois para isso precisaríamos dar-lhe uma forma e um lugar na história de nossas vidas (Sennett, 1999). Como precisa Lipovetsky (2005b), “trocamos a moral do ‘solidarismo’ do trabalho pela ética pós-moralista da excelência, do permanente desafio, da eficiência indefinida, da insaciabilidade, da direção cada vez mais capacitada por causa da guerra econômica e da exigência estritamente operacional de triunfar, de ‘ser dos melhores’” (Lipovetsky, 2005b: 156).

Houve também uma quebra no eixo vertical das identificações humanas (Bauman, 2005; Forbes, 2005; Lipovetsky, 2005a). No mundo vertical da modernidade, podíamos encontrar uma predeterminação de modelos, as instituições como a Família, o Estado e a Igreja serviam como *a priori* para a vida social e funcionavam como elementos identificatórios para o indivíduo, fazendo com que sua identidade parecesse “natural”, predeterminada ou inegociável: um homem queria ser igual ao seu pai, ao seu superior no trabalho... Padrões ideais orientavam as formas de satisfação, de amor, de tra-

balho, de aproximação e separação, de ter e educar filhos, de fazer política, etc (Bauman, 2005; Forbes, 2005).

Hoje, temos uma ordem horizontal, uma multiplicidade de modelos sem hierarquia predeterminada, no conjunto da qual as referências se contrapõem, são múltiplas, invalidam-se. Desapareceram os ideais que organizavam as identidades, há um senso de igualdade e uma certa indiferença aos valores hierárquicos (Forbes, 2005). A crescente diluição/alteração/desimportância dessas afiliações sociais que testemunhamos fazem com que, na pós-modernidade, a “identificação” se torne uma questão cada vez mais importante: a partir de um profundo sentimento de insegurança, vivem-se tentativas de encontrar/criar novos grupos através dos quais se possa vivenciar o pertencimento e a construção da identidade (Bauman, 2005). Em outras palavras, o mundo desprovido de verticalidade hierárquica rompeu o pacto social fundado na autoridade simbólica, na filiação paterna, na instância fálica (Forbes, 2005; Lebrun, 2004; Melman, 2003; Roudinesco, 2006).

Com isto, desapareceram os limites. A grande filosofia moral dos dias de hoje é que cada ser humano deve encontrar em seu meio com o que se satisfazer, plenamente. Desde que haja um determinado tipo de desejo, ele se torna legítimo, e se torna legítimo que encontre sua satisfação. E, se não for assim, “é um escândalo, um déficit, um dolo, um dano” (Melman, 2003: 31). Como diz Lasch (1983), a vida mais terrestre abriga um paraíso ilusório, ao mesmo tempo que se torna opaca e irrespirável a vida cotidiana.

Estamos também perdendo o bom senso, o senso comum, espontâneo, ao nos deixarmos perder no sentido de “limite” e nos levar pela tecnociência: a categoria do impossível não está tendo mais lugar para ser pensada, nos confundimos com o poder da tecnologia e, em vez de pensarmos em deslocar o impossível, passamos a crer que podemos expulsá-lo! (Lebrun, 2004). (Não esquecendo que a propaganda da Adidas nos diz: *Impossible is nothing!*). O projeto fáustico da tecnociência, como diz Sibilia (2002), objetiva lançar-

nos tanto para além do tempo humano, ou seja, para a imortalidade, quanto para além do espaço humano, isto é, para a virtualidade.

Vivemos o tempo da supervalorização da eficácia, que se constitui como critério de valor, poupando-nos da criação e da invenção. Da supremacia da lei do tudo ou nada – “É ou a igualdade ou a injustiça!” –, que nos dificulta encontrar as nuances, poder determinar responsabilidades compartilhadas. Aceitamos a pretensão universalizante da tecnociência, que pretende ter a boa resposta para tudo, inclusive sobre o sentido da vida – anteriormente dada pela religião (Lebrun, 2004).

O mandamento de gozar a qualquer preço e a desvalorização do passado se articulam a um grande investimento nas gratificações imediatas, no que se pode “consumir”. Na sociedade de massa em que vivemos, o modelo da relação com a mercadoria tornou-se o modelo para as relações sociais, e um humanismo da mercadoria passou a reger os laços, os lazeres (Baudrillard, 2003; Bauman, 2001, 2004; Debord, 1997; Roudinesco, 2006) e até mesmo nossos corpos (Bauman, 2007). Aponta-se para uma crescente trivialização das relações pessoais (Lasch, 1983; Sennett, 1999), um novo código comanda as relações entre homens e mulheres – muito mais leves, livres de compromissos e bastante frouxas (Bauman, 2004; Giddens, 1993, 2005; Melman, 2003). Em suma, “a fila tem que andar!”.

Vivemos numa sociedade do espetáculo (Debord, 1997). O espetáculo não seria apenas um conjunto de imagens, mas uma relação social entre as pessoas, mediada por imagens, ou seja, o espetáculo seria uma tradução material, objetivada, de uma *Weltanschauung*, de uma visão de mundo. O mundo real se transformou em simples imagens, e elas se tornaram seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico. Na vida social contemporânea – ao contrário da fase anterior, na qual as definições das realizações humanas se degradaram do ser para o ter –, teria ocorrido um deslizamento generalizado do ter para o parecer. Hoje, é o parecer que comanda a vida social, e até mesmo o ter está submetido a ele (Debord, 1999).

Existimos num mundo em espelho (Lasch, 1983; Roudinesco, 2006), capturados por imagens que têm o extraordinário poder de captar angústias/desejos e de controlar-lhes a intensidade ou suspender-lhes o sentido: afogamos no fluxo da mídia os estados de alma antes que se formulem em palavras (Kristeva, 2002). A mídia dá substância e intensifica os sonhos de fama e glória, mas se torna cada vez mais difícil aceitar a banalidade da existência cotidiana. Crê-se que o vazio interior poderá ser preenchido com as ricas experiências reservadas para os poucos escolhidos, mas a moderna propaganda de mercadorias e da boa vida, que ratifica a gratificação do impulso, ao mesmo tempo torna insuportáveis o fracasso e a perda (Lasch, 1983).

No flexível mundo em que vivemos, flexibilidade equivale a juventude e rigidez a idade (Sennett, 1999). Sentimos verdadeiro terror em relação à velhice – “a decrepitude ‘física’ tornou-se uma torpeza” (Lipovetsky, 2005a: 42) – e à morte. O culto ao corpo, efeito de um novo imaginário social a reger nossas relações com nossos corpos (Bauman, 2007; Lipovetsky, 2005a), revela que, “como todas as grandes dicotomias, a do corpo e do espírito se esfumou” (Lipovetsky, 2005a: 43). Vivemos, como aponta Sibilia (2002), o projeto de uma bioprogramação de nós mesmos, através da técnica do DNA recombinante, da correção dos “erros genéticos”, da digitalização das percepções, das próteses biónicas...

As reflexões que estão sendo feitas incluem um esboço da figura do sujeito que está emergindo na contemporaneidade. Não é mais a figura de um Édipo ressentido e recalçado, às voltas com a culpa e a renúncia a seus desejos. A figura que emerge é a de Narciso (Kristeva, 2002; Lasch, 1983; Lipovetsky, 2005a, 2005b; Roudinesco, 2006), que não conhece alteridade, para quem nenhum outro importa tanto quanto si mesmo, incitado a não renunciar a nada, estimulado a gozar ilimitadamente e a não conhecer inibição de espécie alguma. E Narciso também se perde pela captura de seu olhar, de sua imagem refletida....

Narciso. A lógica do individualismo foi levada a um tal extremo que o narcisismo se transformou na metáfora da condição hu-

mana (Lasch, 1983). O narcisista contemporâneo – neonarcisista, para Lipovetsky (2005a) – vive, como nunca dantes, tanta liberdade, democracia, tolerância, privacidade, ócio, prazeres, oportunidades de escolha, de autonomia... A era do consumo de massa – embora possa conduzir a uma certa uniformização do comportamento –, também acentua as singularidades dos indivíduos, multiplica as referências e modelos, exacerba o desejo de ser inteiramente si-mesmo e gozar a vida, transforma cada um num operador permanente de seleção e combinação livres, é um vetor de diferenciação dos seres (Lipovetsky, 2005a). Impossível não lembrar Mafessoli (2004), quando considera que “as ‘tribos’ pós-modernas são legiões. Seu denominador comum é a participação mágica num ‘gosto’ específico” (Mafessoli, 2004: 150). Contudo, o narcisista de hoje é perseguido pela ansiedade, pela depressão, por vagos descontentamentos e por uma sensação de vazio interior. Apesar de viver bem mais liberto dos laços familiares e dos constrangimentos institucionais, isto só faz aumentar sua insegurança (Lasch, 1983).

Segundo Lipovetsky (2005a), vivemos um processo de personalização, um processo sistemático de atomização e de individualização narcísica, e o avesso dos ganhos pós-modernos é a coletivização da crise subjetiva.

quanto mais a sociedade se humaniza, mais se amplia a sensação de anonimato; quanto maior a indulgência e a intolerância, mais cresce a falta de confiança em si mesmo; quanto mais se fica velho, mais se tem medo de envelhecer; quanto menos se trabalha, menos se quer trabalhar; quanto mais os costumes se liberalizam, mais aumenta a sensação de vazio; quanto mais a comunicação e o diálogo se institucionalizam, mais os indivíduos se sentem sós e mais incapazes de fazer contato; quanto mais cresce o bem-estar, mais a depressão triunfa (Lipovetsky, 2005a: 103-104).

E ainda: “Outrora a moral repressiva era fonte de histeria; hoje a moral da autonomia e do livre crescimento concorre para gerar ansiedade, estafa, depressão” (Lipovetsky, 2005b: 254).

Diversos autores nos oferecem também algumas descrições dos danos psíquicos que sofremos ao habitar um mundo que não ratifica a função simbólica do Pai: ficam prejudicadas as vivências da castração e do Édipo, que nos permitem transitar na ordem simbólica, no espaço da linguagem. A autoridade simbólica, ao mesmo tempo que permite que nos organizemos diante do vazio interior, originário, permite também uma relativa confrontação com esse vazio, torna possível a convivência com a sua existência (Lebrun, 2004).

Seguindo a palavra de ordem “nada é impossível”, acabamos por crer numa satisfação plena, da qual o consumismo é testemunha e frente à qual não inscrevemos mais a possibilidade do fracasso. Sem que se dê conta, “o sujeito abandona, assim, uma economia psíquica por outra. Ele se encontra num mundo em que o sofrimento psíquico é intolerável, já que o que lhe é abusivamente prometido é a adequação da palavra à coisa, [...] é o acesso simples e imediato ao verdadeiro objeto” (Lebrun, 2004: 126).

A opinião de Melman (2003) é a de que mudamos de uma cultura fundada no recalque dos desejos para uma outra que recomenda a livre expressão e promove a perversão. A saúde psíquica, hoje, não se origina mais de uma harmonia com o Ideal, mas com um objeto de satisfação; o trabalho psíquico, que também é sinônimo de saúde, encontra as condições de sua atenuação, “e a responsabilidade do sujeito [é] apagada por uma regulação puramente orgânica” (Melman, 2003: 15).

Segundo este autor, a economia psíquica organizada pelo recalque cedeu lugar a uma economia organizada pela exibição do gozo. Como temos hoje a constatação de que o céu está vazio, tanto de deus quanto de ideologias, de promessas, de referências, de prescrições, os indivíduos têm que se determinar por eles mesmos, singular e coletivamente. Por exemplo, nossa relação atual com o sexo é uma manifestação dessa nova economia: de uma cultura anterior fundada na representação, passamos a uma cultura da presentificação, trata-se agora de buscar o autêntico, de ir para o objeto mesmo e o sexo é encarado como uma necessidade, tal qual a fome ou a sede.

Na visão de Melman (2003), o que estamos vendo perdido é o que Lacan chama de objeto *a*, a causa do desejo, esse objeto perdido inicial cujo caráter fugidio entretém a busca de nosso desejo. A descoberta inicial de Freud foi a de que a relação do sujeito com o mundo, e também com ele mesmo, não é organizada por uma relação simples e direta com um objeto como no mundo animal, no qual basta se deixar guiar pelos instintos. Nossa relação com o mundo e com nós mesmos não é instalada por um objeto, mas pela falta de um objeto querido de eleição, o qual, na figuração edipiana, é a mãe. Para o sujeito humano, é preciso passar por essa perda a fim de ter acesso a um mundo de representação sustentável para ele, em que seu desejo seja simultaneamente alimentado e orientado em suas identificações sexuais. Somos os únicos, no reino animal, cuja possibilidade de realização sexual é organizada por uma dissimetria, já que a escolha do objeto não é regulamentada por uma identificação dos traços característicos do parceiro de sexo oposto, ou por odores específicos, mas pela perda, pela renúncia ao objeto amado.

Ou seja, o desejo humano não é compatível com o conforto, ele é desconforto máximo, esse grande atormentador que não nos deixa descansar, obriga a trabalhar, a correr, a deslocar, a desobedecer, a se esforçar, etc, em suma, a viver (Melman, 2003). Ao ver deste autor, a mudança social em nossos dias participaria da busca de uma defesa diante da castração. Por outro lado, essa mudança gera, como acreditamos ter deixado claro em nossa exposição, a insegurança, a desorientação, a angústia: o confronto com a ameaça de aniquilamento, o desamparo – traduzível, em termos de DSM-IV, por tanta “síndrome do pânico”.

O sujeito da atualidade é um narcisista sem remorso, que – quando não somatiza e/ou deprime – se empolga com objetos menores e desvalorizados, num prazer perverso que não conhece satisfação (Kristeva, 2002); é uma colagem de fragmentos em incessante vir-a-ser, sempre aberto a novas experiências, um eu jamais acabado (Sennett, 1999), com uma imensa dificuldade em reconhecer-se a si mesmo (Kristeva, 2002). No entender desta última autora, sem iden-

tidade sexual, subjetiva ou moral, ele é um ser de fronteira, saturado de imagens que o sustentam e o substituem, num arrebatamento da alucinação. Como não existem mais limites entre o prazer e a realidade, o verdadeiro e o falso, o espetáculo é uma vida de sonho. Ameaçada de bloqueio, inibição e morte, a vida psíquica do homem contemporâneo encontra-se na intersecção entre os sintomas somáticos e a transformação dos desejos em imagens (Kristeva, 2002).

O que leva esta autora a pensar que, a despeito das diferentes sintomatologias de que se queixam os pacientes que chegam ao divã de um analista hoje em dia, pode-se apontar uma dificuldade que eles freqüentemente apresentam: dificuldade em representar, em simbolizar. Está havendo um enfraquecimento do funcionamento mental, um estreitamento da capacidade de pensar, tese que encontra ressonância no que Lebrun (2004) observa como um “recuo do simbólico” no psiquismo do sujeito contemporâneo. Ao que Roudinesco (2006) acrescenta que este sujeito, limitado ao claustro de sua imagem no espelho, vive em oscilação entre o narcisismo primário e o narcisismo secundário.

Em vista deste quadro, e com interesse numa compreensão teoricamente mais articulada acerca das perturbações que vemos aumentar na atualidade, acreditamos ser da maior relevância a proposta feita por Green (1988a, 1988b) de haver um narcisismo negativo, distinto de um narcisismo positivo.

Relembrando, a teorização freudiana concebe o narcisismo como uma fase necessária do desenvolvimento normal da libido, na qual as pulsões tomam o eu como objeto de investimento. Esta fase seria intermediária entre o auto-erotismo e as relações de objeto. Freud ([1914] 1980) também fez distinção (não isenta de aporias) entre um narcisismo primário – um primeiro movimento pulsional, no qual as pulsões se organizariam num investimento unitário em torno do eu (Green, 1988a), o qual, fechado em si mesmo, não tomaria conhecimento do mundo externo – e um narcisismo secundário, construído sobre a base do narcisismo primário e que designa o estado que é instaurado quando a libido, investida nos objetos,

retorna em direção ao eu, com o conseqüente desinvestimento do mundo externo e o fechamento em si mesmo. Como vemos, a questão do narcisismo se articula com a distinção entre libido de objeto e libido do eu, ou libido narcísica, a qual, se excessiva, pode transbordar o eu e separar o sujeito do mundo externo.

No narcisismo, o objeto entra em relação conflitiva com o eu, dado que o investimento das pulsões no eu tem como efeito transformar o desejo pelo objeto em desejo pelo eu. Em outras palavras, o desejo muda de objeto, pois é o eu que se torna seu próprio objeto de desejo. A isto ele chama de “desejo do Um, com o apagamento do desejo do Outro” (Green, 1988a: 23).

Mas o desejo, lembra este autor, é o movimento pelo qual o sujeito é descentrado, a busca do objeto de satisfação faz o sujeito viver a experiência de que o seu centro não está mais nele mesmo, está fora de si num objeto do qual está separado e ao qual tenta se reunir para reconstituir o bem-estar que se seguiu à experiência de satisfação. O desejo introduz a consciência da separação espacial e da dissincronia temporal com o objeto, “criadas pela postergação necessária à experiência de satisfação” (Green, 1988a: 23).

Se todo contato com o objeto exacerba o sentimento de descentramento, tanto em relação à separação espacial quanto à dissincronia temporal, a integridade do eu pode ser procurada num movimento regressivo, num investimento por suas próprias pulsões, num narcisismo positivo, efeito de uma neutralização do objeto. Incontáveis fatores nos impedem a plena realização dos desejos... e o narcisismo é uma saída, um dos meios para dar conta desse impossível de realizar.

Contudo, esta independência que o eu consegue, deste modo, em relação ao objeto, é sempre precária, pois ele não pode nunca substituir totalmente o objeto. E há casos em que o efeito combinado da distância espacial impreenchível e da dissincronia temporal interminável faz da experiência do descentramento a marca do ressentimento, do ódio, do desespero. Nestes casos, o movimento regressivo pode levar mais longe, para a busca da redução das tensões

ao nível zero, princípio de Nirvana, para a inexistência, a anestesia, para o vazio... Trata-se do narcisismo negativo, narcisismo de morte, articulado à pulsão de morte.

Reiterando: o narcisismo oferece a oportunidade para uma mimese do desejo, na medida em que permite evitar que o descenramento obrigue a investir no objeto: o eu adquire uma certa independência em relação a este último, transferindo o desejo do Outro para o desejo do Um (narcisismo positivo). Quando a realização unitária do narcisismo falha, esta mimese poderá se inverter e tornar-se mimese do não-desejo, desejo de não desejo (narcisismo negativo).

Green (1988b) também pensa haver uma função desobjetalizante, própria à pulsão de morte, articulada ao narcisismo negativo. Expliquemos.

A função auto-destrutiva desempenha, para a pulsão de morte, um papel correspondente àquele que a função sexual desempenha para a pulsão de vida. Como “o objeto é o revelador das pulsões” (Green, 1988b: 64), a meta essencial das pulsões de vida, com seus mecanismos característicos de ligação, seria a de garantir uma função objetalizante. Essa função permite fazer chegar à categoria de objeto aquilo em que o psiquismo realize um investimento significativo, mesmo que não tenha qualidades, propriedades ou atributos de objeto. E o narcisismo positivo pode ser pensado como o movimento em que o eu passa a receber o investimento significativo da função objetalizante própria a Eros. “Este processo de objetalização não se limita a transformações de formações tão organizadas como o eu, mas pode dizer respeito a modos de atividade psíquica, de maneira tal que, no limite, é o próprio investimento que é objetalizado” (Green, 1988b: 64-65).

Ao contrário, a meta da pulsão de morte seria, através de seus mecanismos de desligamento, a de realizar ao máximo uma função auto-destrutiva, uma função desobjetalizante (com efeito, os mecanismos de desligamento da pulsão de morte podem também funcionar de maneira positiva, a sublimação é um exemplo possível, mas

esta não é uma discussão que nos interesse no momento). Na direção desta função desobjetalizante haveria um movimento em que não só o objeto seria atacado, mas também todos os seus substitutos, inclusive o eu e “o próprio investimento na medida em que este teria sofrido o processo de objetalização. [...] A manifestação própria à destrutividade da pulsão de morte é o desinvestimento” (Green, 1988b: 65).

O narcisismo negativo, como aspiração ao nível zero, ao vazio, ao nada, poderia ser pensado como expressão de uma função desobjetalizante, que recairia não somente sobre os objetos e seus substitutos, mas também sobre o próprio processo objetalizante. Vale aludir à observação de Laplanche (1988), enfatizando que a pulsão de morte se refere, antes de mais nada, à morte do próprio indivíduo, à sua própria morte.

De posse destes construtos, como não pensar na possibilidade de um narcisismo negativo – “manutenção a qualquer preço da homeostase visando evitar qualquer sobrecarga mas também qualquer hemorragia libidinal” (Laplanche, 1988: 28) – situar-se na origem dos envoltimentos com as drogas, na aspiração ao nível zero de alimentação dos anoréxicos e/ou bulímicos, na falta de motivação por novas possibilidades dos depressivos contemporâneos, na paralisia em relação aos projetos de vida que acomete cada vez mais os jovens da atualidade? Vale lembrar também que, se a meta objetalizante das pulsões de vida, ou de Eros, pode ter “como consequência principal realizar, mediante a função sexual, a simbolização” (Green, 1988b: 68), o seu oposto, a meta da pulsão de morte, auto-destrutiva, em sua função desobjetalizante e articulada a um narcisismo negativo, pode levar à dificuldade de representar, à des-simbolização, a um “recoo do simbólico”.

E como não associar, como o faz Kristeva (2002), o desejo de não-saber característico do homem contemporâneo a um narcisismo negativo sustentado pelos psicofármacos da atualidade? Com efeito, as drogas – lícitas ou não – facilitam passar ao largo dos escolhos, dos questionamentos mais radicais a respeito de nossos investimen-

tos, desejos, frustrações, fantasias... Tudo indica que a grande dificuldade para os próximos tempos, como anuncia esta autora, será resolver a questão (do ser ou não-ser?) entre o comprimido ou a palavra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- . (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- . (2004). *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- . (2005). *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- . (2007). *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Baudrillard, J. (2003). *A sociedade de consumo*. Lisboa: Ed. 70.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Forbes, J. (Org.). (2005). *A invenção do futuro*. São Paulo: Manole.
- Freud, S. (1921/1980). Psicologia de grupo e análise do ego. *Obras completas, ESB*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- . (1914/1980). Introdução ao narcisismo. *Obras completas, ESB*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- . (2005). *Mundo em descontrole*. Rio de Janeiro: Record.
- Green, A. (1988a). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.
- . (1988b). Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. Em Green, A.; Widlocher, D.; Laplanche, J.; Segal, H.; Rechartd, E.; Ikonen, P. & Yorke, C. *A pulsão de morte* (pp. 57-68). São Paulo: Escuta.
- Henry, F. (1998). *Os casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica*. São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira.
- Kristeva, J. (2002). *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco.

- Laplanche, J. (1988). A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual. Em Green, A.; Widlocher, D.; Laplanche, J.; Segal, H.; Rechart, E.; Ikonen, P. & Yorke, C. *A pulsão de morte* (pp. 13-29). São Paulo: Escuta.
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Lebrun, J.-P. (2004). *Um mundo sem limite*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Lipovetsky, G. (2005a). *A era do vazio*. São Paulo: Manole.
- . (2005b). *A sociedade pós-moralista*. São Paulo: Manole.
- Mafessoli, M. (2004). *A parte do diabo*. Rio Janeiro: Record.
- Melman, C. (2003). *O homem sem gravidade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Roudinesco, E. (2006). *A análise e o arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Sennett, R. (1999). *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record.
- Sibilia, P. (2002). *O homem pós-orgânico*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Recebido em 14 de maio de 2007

Aceito para publicação em 05 de junho de 2007